

O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DO ITEM *CHEGAR*

Ediene PENA-FERREIRA¹

RESUMO: Este trabalho encontra-se abrigado no paradigma funcionalista de vertente norte-americana, que concebe padrões gramaticais emergirem do discurso. A pesquisa apresenta discussões sobre o processo de gramaticalização considerado como um processo de mudança lingüística pelo qual itens ou construções lexicais tornam-se gramaticais ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Nosso objetivo central é rastrear, mediante uma investigação de natureza pancrônica, propriedades e/ou condicionamentos envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*, nos diferentes usos deste item no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil. Utilizamos como *corpora* amostras de textos do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). Da coletânea, que possui textos de diferentes gêneros do século XII ao século XX, selecionamos um total de 2.000 páginas, a partir das quais atingimos uma soma de 795 (setecentas e noventa e cinco) ocorrências de *chegar*. Os resultados obtidos confirmam nossa hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; pancronia; funções gramaticais; verbo *chegar*.

INTRODUÇÃO

Subsidiados pela proposta teórica do Funcionalismo Lingüístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos lingüísticos conjugando componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, investigamos, neste trabalho, construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de mudança chamado *Gramaticalização*. Em linhas gerais, consideramos gramaticalização o processo de mudança lingüística pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais, ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais.

Utilizamos como *corpora* amostras de textos do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). A coletânea possui textos de diferentes gêneros do século XII ao

¹ UFPA – Campus de Santarém, Faculdade de Letras. Passagem Dom Floriano, nº 54 – Caranazal. 68.040-000. Santarém – PA. E-mail: edienepena@ufpa.br

século XX, assim organizados: gêneros da ordem do narrar (GON); gêneros da ordem do relatar (GOR); gênero da ordem do expor (GOE); gênero da ordem do argumentar (GOA) e gêneros da ordem do prescrever (GOP). Destes textos, selecionamos um total de 2.000 páginas, a partir das quais atingimos uma soma de 795 (setecentas e noventa e cinco) ocorrências de *chegar*.

Nosso objetivo central é rastrear, mediante uma investigação de natureza pancrônica, propriedades e/ou condicionamentos envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*, nos diferentes usos deste item no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil. Os resultados obtidos confirmam nossa hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização.

O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

O termo gramaticalização, segundo Neves (1997), começou a ser usado na China, no século X, mas foi somente no século XX que Meillet o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. A partir de então, vários lingüistas ocuparam-se desse fenômeno, e Givón, na década de 70, ao estudar as formas verbais africanas e descobrir que os afixos de hoje remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes, lançou o *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, ou “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” para mostrar que as línguas seguem um ciclo que pode ser assim descrito: discurso > sintaxe > morfologia.

É no discurso, portanto, que ocorrem as mudanças. Isso elucidada o princípio funcionalista de que é o uso da língua que molda a gramática.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Em outras palavras, tal fenômeno é o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática.

A gramaticalização pode ser considerada, então, como regularidade, convencionalidade, modo de rotinização. Como o processo de gramaticalização, uma construção deixa de ser um meio inovador e se transforma em uma estratégia comum.

No dizer de Castilho (1997:31), gramaticalização é:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

De acordo com Heine e Reh (1984), gramaticalização é uma evolução na qual as unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética. Para Traugott (1988), gramaticalização se refere ao estudo de mudanças lingüísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

Resumindo, a gramaticalização é um tipo produtivo de mudança lingüística. É necessário frisar que essa mudança é gradual e segue uma escala que vai do discurso para a manifestação zero, passando pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica, obedecendo à ordem da esquerda para a direita. Como a direção é específica, acredita-se

que não pode ser revertida. Essa unidirecionalidade, não sem críticas, é tida como a característica básica da gramaticalização.

Princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991)

Hopper (1991) propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais do processo.

a) Estratificação (*layering*): dentro de um domínio funcional, novas formas estão constantemente emergindo, mas isto não significa que as formas antigas desaparecem; elas coexistem com as emergentes. Uma palavra passa a ter vários usos, cada uso corresponde a uma camada num domínio funcional. Hopper (1991) entende por *domínio funcional* algumas áreas gerais como tempo, aspecto, modalidade, caso, referência. Essas camadas podem ser representadas por itens lexicais, classes particulares de construções ou registros sociolingüísticos; podem ser expressas por significados diferentes ou por alternativas estilísticas. Em alguns casos, a estratificação pode ser a mudança de um estágio técnico para outro. Por exemplo, alterações fonológicas, afixação, perífrases com auxiliares, para expressar tempo e aspecto, podem ser exemplos de diferentes graus atingidos por camadas diferentes.

b) Divergência: este princípio refere-se ao fato de uma forma lexical sofrer gramaticalização (por exemplo, transformar-se em um auxiliar, um clítico ou um afixo), mas ainda permanecer no sistema como forma gramatical, ou seja, dá-se a permanência da forma lexical original como um elemento autônomo que pode sofrer as mesmas mudanças que um item lexical comum. Segundo o princípio da divergência pode haver várias formas etimologicamente comuns, mas funcionalmente diferentes. A forma gramaticalizada pode ser idêntica fonologicamente à forma lexical que permanece autônoma; é o caso do francês *pas* “partícula negativa” e do substantivo *pas* “passo”; ou

pode ser distinta, com completa opacidade, como o artigo indefinido, no inglês, *a(n)* e o numeral *one*.

c) Especialização: A construção emergente deixa de ser uma escolha a mais na língua, para ser uma forma progressivamente obrigatória. Hopper apresenta um exemplo bem conhecido de especialização: a negação em francês moderno: *Il ne boit pas de vin* “Ele não bebe vinho”. Nas sentenças negativas, o verbo é acompanhado por dois elementos de negação, *ne* precedendo o verbo e *pas* seguindo-o. Historicamente, o elemento responsável pela negação era *ne*, e nomes como *pas* “passo” serviam para reforçar a negação. Pode-se assumir que o nome reforçador se uniu ao verbo, os verbos de ação passaram a ser utilizados com *pas*, verbos que indicavam o ato de beber e comer eram acompanhados de *mie* “migalha de pão”, e assim por diante. Com o tempo, tal reforço deixou de ser uma opção para se tornar a marca obrigatória de negação, competindo, inclusive, com a partícula *ne* no francês coloquial.

d) Persistência: este princípio relaciona significado e função de uma forma gramatical a sua história como uma forma lexical. Em uma fase mais avançada de gramaticalização, como a morfologização, a relação entre formas gramatical e lexical é opaca, mas, em fases intermediárias, a opacidade pode não ser registrada. A pertinência, então, diz respeito à permanência de traços do significado da forma original; por mais que a forma mude, que esta forma assuma novos significados, permanecem alguns vestígios de um uso anterior.

e) Descategorização: Este princípio refere-se à diminuição ou perda do estatuto categorial dos itens gramaticalizados. Por exemplo, um verbo, quando lexical, tem propriedades sintáticas e semânticas, como o número de argumentos implicados, a categoria morfossintática e a função semântica desses argumentos, além das restrições de seleção para sua realização lexical. Quando se gramaticalizam, os verbos assumem

atributos das categorias secundárias e perdem a propriedade de, por exemplo, selecionar argumentos com os quais vão se combinar.

Estágios de gramaticalização segundo Heine (1993)

Heine (1993) estabelece sete estágios de gramaticalização apresentados a seguir:

Estágio A: Nessa primeira fase, o verbo apresenta sua significação lexical plena, e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto.

Estágio B: Essa é a fase na qual o verbo “começa a trilhar o caminho dos auxiliares”. O complemento passa a designar uma situação dinâmica, e é expresso ou por uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva. Algumas características dos itens, nesse estágio, são relevantes:

- a) embora nominais, os complementos estão associados com formas não finitas;
- b) a identidade do sujeito entre o verbo e o complemento não é uma exigência;
- c) o complemento verbal pode ser expresso por uma das formas nominais;
- d) o complemento verbal pode ser expresso por uma oração completiva.

Estágio C: Nessa fase, as restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, ou seja, o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, e o verbo passa a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade. É nesta fase que são incluídos os quase-auxiliares, semi-auxiliares ou catenativos. É a “fase em botão” da gramaticalização. O verbo que se encontra nesse estágio apresenta as seguintes características:

- a) o verbo passa a combinar-se com um verbo não finito como complemento, que agora designa atividade ou evento
- b) a identidade de sujeito entre verbo e complemento agora se torna uma exigência;
- c) o verbo e seu complemento referem ao mesmo tempo;
- d) o complemento verbal é expresso por uma forma nominal, infinitivo, gerúndio ou particípio, podendo não admitir mais uma completiva.
- e) o verbo perde a capacidade de expressar as distinções TAM.

Estágio D: Nessa fase, o verbo *decatégoriza-se*, ou seja, apresenta características como:

- a) o verbo tende a perder suas características sintáticas, como a capacidade de formar frases de tipo imperativo, a nominalização, a apassivação;
- b) o verbo deixa de ter complementos nominais;
- c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita.

Estágio E: O verbo perdeu muito das suas propriedades verbais, a ponto de ser percebido como uma outra categoria, que não a verbal. Não é negado separadamente e ocorre em outras posições na sentença. Por possuir ainda algumas propriedades verbais e, por isso, combinar características de verbo e de marcador gramatical, é considerado um “híbrido lingüístico”. Durante esse estágio, os processos de cliticização e erosão começam a desencandear-se.

Estágio F: Nesse estágio, o verbo perde completamente todas as suas propriedades verbais e torna-se morfológica e sintaticamente um elemento gramatical, e o seu complemento é reinterpretado como sendo um verbo principal. O verbo muda de

clítico para afixo. É possível, por meio de traços morfossintáticos remanescentes, reconhecer a estrutura esquemática original.

Estágio G: É o estágio final, em que o verbo passa a ser um verdadeiro marcador gramatical reduzido a um afixo monossilábico, incapaz de receber tom ou acento distintivo, e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização, tornando-se um verdadeiro verbo principal.

Esses estágios podem ser relacionados a noções tradicionais. Assim, podemos dizer que, nos estágios **A** e **B**, temos ainda um verbo pleno; no estágio **C**, o verbo passa a comportar-se como um “semi-auxiliar” ou “quase-auxiliar”; nos estágios **D** e **E**, encontramos a noção de auxiliar propriamente dita, pois é nesses estágios que o complexo auxiliar-auxiliado constitui uma verdadeira perífrase verbal; no estágio **F**, temos um auxiliar e um afixo; e, no último estágio **G**, temos um afixo ou uma desinência flexional.

A GRAMATICALIZAÇÃO DE *CHEGAR*

De acordo com Cunha (1992), o verbo *chegar* vem do latim *plicāre*, e significava ‘dobrar’, ‘enrolar’. Tem sua evolução semântica ligada à linguagem náutica; do sentido primitivo do latim “dobrar”, “enrolar” passou-se, metonimicamente, ao de *chegar* (ao porto, embarcação), pois, nessa ocasião, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas.

O verbo *chegar* é polissêmico e, dentre os diferentes usos encontrados deste verbo, elaboramos a hipótese de que *chegar* com o significado de VIR, por ser o uso mais concreto, é a forma-fonte, com idéia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y. Neste caso, a valência é preenchida por dois argumentos. O primeiro argumento tem o traço [+ Animado], [+Humano] e o segundo argumento apresenta o traço [+Locativo].

Resta-nos, agora, identificar, considerando os estágios propostos por Heine (1993), em que estágio de gramaticalização *chegar a* se encontra. Relembramos que

Heine (1993) propõe 07 estágios de gramaticalização de verbos. Retomaremos as principais características dos estágios, para tentarmos inserir o verbo *chegar a* em um deles, e, na medida do possível, procuraremos exemplificá-lo com ocorrências extraídas de nossos *corpora*.

No primeiro estágio, que Heine (1993) denomina de **Estágio A**, os verbos apresentam significado lexical pleno, e seus complementos são representados por entidades concretas.

(01) Aos quinze anos entra no Seminário de Olinda e nele, a 16 de dezembro de 1860, D. João Marques Perdigão cinge-lhe a veste talar e abre-lhe a tonsura e, terminado o curso de Filosofia e o primeiro ano de Teologia, Antônio parte para a França. **Chega** a Paris a 21 de outubro de 1862, e ingressa com seus dezoito anos no Colégio de São Suplício. (CB)

Em (01), notamos o uso concreto do verbo *chegar*. O contexto anterior ao excerto nos permite identificar *Vital* o sujeito das seqüências presentes em (01), o sujeito, portanto, apresenta o traço [+Humano]. O complemento, *a Paris*, apresenta o traço [+Locativo]. O verbo *chegar* carrega os traços *movimento* e *direção*, pois, claramente, percebemos que o uso de *chegar* remete-nos à idéia de deslocamento. Temos, então, um contexto em que o verbo apresenta suas propriedades plenas e um uso concreto, o que caracteriza o estágio inicial de mudança.

No **Estágio B**, o uso verbal começa a abstratizar-se. É esse estágio que Heine afirma ser o início da auxiliarização. O complemento do verbo é representado por uma situação dinâmica e não mais por objetos concretos, como no estágio A. Arriscamo-nos a apresentar (02) e (03) como exemplos desse segundo estágio de mudança.

(02) Meillet insiste, ao contrário, na significação imanente do gênero neutro nas línguas indo-européias antigas, para **chegar** à conclusão de que a classificação tripartida, tal como aí encontramos, mascara a existência de duas classificações indo-européias, feitas por critério diferente e de importância desigual. (BL)

(03) Fora um agente de vendas, um aldrabão nato, com sonhos grandiosos, mitômano no mais alto grau, mas persistente nas suas “conquistas”, fora essa bela prenda quem a “desmoralizara” (a expressão era da própria Glória). Iludira-a, **chegara** ao ponto de prometer-lhe casamento, o pulha: ao fim e ao cabo levava-a para o Porto, para casa da mulher legítima (mais uma tarada, ou uma vítima) e ainda a misturava com outra amante[...](AZ)

Notamos uma abstratização no uso do verbo *chegar*, em que os complementos do verbo – *a conclusão*, em (02) e *o ponto de prometer-lhe casamento*, em (03) – já não podem ser considerados objetos concretos, o que exclui esse uso de *chegar* do primeiro estágio da cadeia de mudança. O uso de *chegar* em (03), *chegara ao ponto de*, pode ser considerado o que originou o uso *chegar a + INF*, se levarmos em conta que, em ocorrências com essa construção, podemos resgatar a expressão *a ponto de*. É o que verificamos em (04).

(04) Artista e inteligente como és, estou certo, Octávio, de que serias o querido das mulheres, mas havias de dedicar-te um pouco mais ao seu cultivo. Quase lhes não falas, e quando o fazes, **chegas a ser** até, por vezes, desagradável, sacrificando-lhes a vaidade a um dito de espírito. As mulheres nunca perdoam o espírito! É mais fácil perdoarem...(AE)

Podemos acrescentar, em (05), a expressão *a ponto de*, sem alterar o sentido do enunciado.

(05) (...) Quase lhes não fala, e quando o fazes, **chegas a ponto de ser** até, por vezes, desagradável.

No terceiro estágio, o **Estágio C**, o verbo já não seleciona seus argumentos, combina-se com uma das formas nominais e apresenta o mesmo sujeito que o verbo na forma nominal. Para Heine (1993), os verbos semi-auxiliares estão incluídos neste estágio, mas ainda não são auxiliares prototípicos. Portanto, incluiremos o verbo *chegar* neste estágio, uma vez que, pelos testes de auxiliaridade, concluímos que *chegar a* não é auxiliar prototípico, mas apresenta muitas características dos auxiliares, como em (06).

(06) O seu discreto temperamento ajudava-nos pouco o desejo de lhe fazer qualquer pergunta mais familiar, mais íntima. Como inquirir-lhe da saúde, sem ter medo de magoá-lo em qualquer parte da

alma? Era difícil, sabe? Quanto mais perguntar-lhe: Que fez esta noite? Aparece amanhã? **Chegava a ter** a impressão de devassar-lhe a intimidade, quando o encontrava, às vezes, na rua... (AT)

No **Estágio D**, encontram-se os verbos que sofreram decategorização, isto é, perderam características sintáticas próprias de verbos plenos, como a possibilidade de formar imperativos, de ser nominalizados e de se apassivar. Neste estágio, o verbo associa-se apenas a uma forma nominal. Para Heine (1993), é nesse estágio que os verbos auxiliares prototípicos começam a ser encontrados.

Pelas ocorrências que observamos em nossos *corpora*, como a (06) apresentada anteriormente, podemos dizer que *chegar a* também apresenta características desse estágio, uma vez que só se combina com uma forma nominal, o infinitivo. Em contextos em que *chegar* associa-se ao gerúndio, por exemplo, não temos mais um caso de uso gramatical do verbo, o seu comportamento é lexical.

No **Estágio E**, o verbo torna-se um auxiliar propriamente dito. Muitas de suas propriedades verbais foram perdidas, a ponto de, nesse estágio, os processos de cliticização e erosão serem iniciados. No **Estágio F**, o verbo transforma-se de clítico para afixo e, no último estágio, **Estágio G**, o verbo reduz-se a um afixo monossilábico.

Para visualizarmos, mais uma vez, as mudanças ocorridas por *chegar a*, apresentamos o quadro 01, no qual, a exemplo de Heine, correlacionamos as características do processo de gramaticalização com os estágios propostos por Heine (1993).

QUADRO 01: Estágios de gramaticalização de *chegar a*

Estágio Geral	Estágios					
	A	B	C	D	E	F
G						
Dessemanticização	X	X	X	X		
Decategorização	X	X	X	X		
Cliticização						
Erosão						

Queremos mostrar, com o quadro 1, que as mudanças ocorridas por *chegar*, em contextos em que esse verbo aparece na construção *chegar a + INF*, apresentam características do processo de gramaticalização, como a dessemanticização e a decategorização, e que podemos incluir *chegar a* no **Estágio D** de gramaticalização. A cor que representa os primeiros três primeiros estágios, Estágios **A**, **B** e **C**, é mais forte, porque acreditamos que *chegar* apresenta todas as características desses estágios. O **Estágio D** é representado por uma cor mais suave, porque julgamos que *chegar* está entrando nesse estágio, mas, por não ser um verbo auxiliar prototípico, não apresenta, ainda, todas as características dessa etapa de mudança.

Como acreditamos que a mudança que ocorre com *chegar* caracteriza estágios iniciais de gramaticalização, retomaremos os princípios de *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização*, propostos por Hopper (1991), na tentativa de verificar se estes princípios podem ser aplicados aos casos de *chegar*.

Lembramos que o princípio de *estratificação* (*layering*) diz respeito à coexistência de diferentes formas que codificam uma mesma função, isto porque, ao emergirem novas formas dentro de um domínio funcional, as formas antigas que expressavam essa função não desaparecem imediatamente, podendo mesmo nem chegar

a desaparecer, o que resulta em diversas “camadas” que codificam funções idênticas ou semelhantes.

Se considerarmos os diferentes usos de *chegar* que apresentamos ao longo desta tese, podemos reconhecer o princípio de estratificação. Os usos de *chegar* emergem na língua para codificar diferentes funções, como a de marcar mudança de tempo, encadear discurso, marcar contra-expectativa, limite e consequência.

O uso de *chegar*, em predicado simples, com aceção de *bastar*, por exemplo, exerce a função de marcador de modalidade atitudinal, na estrutura V1 (e) V2, em que preenche a posição de V1 e serve à função de encadeamento dos eventos no texto. Assim, dizemos que *chegar* soma-se a outras formas na língua que também exercem essas funções. No último caso, por exemplo, *chegar* pertence ao mesmo grupo de *pegar* e *ir*, que também servem à função de encadear discursos. Retomamos as ocorrências (07) e (08), para ilustração.

(07) a custo, renascer das cinzas! Quanto não daria Acácio para saber escrever destas! Bem, **chega de Eça**; vamos ao Camilo: Este episódio ocorreu já ao princípio da noite de ontem representando uma inesperada reviravolta. (AG)

(08) Nem todos merecem confiança. Alguns ajudam, não reclamam, não alardeiam, vão fazendo o trabalho, se forem escolhidos, entendem. Outros não. Se a empresa não os admitir, ficam ressentidos, esperam o melhor momento pra dar o troco. **Chegam e te apunhalam** pelas costas. (CM)

Em se tratando da perífrase *chegar a + INF*, a emergência de *chegar* para a marcação de tempo, limite, contra-expectativa e consequência, compete com outras formas mais antigas na língua que pertencem a esse mesmo domínio funcional. É o caso do par correlato *tão /tanto que* coexiste com *chegar* na marcação de consequência e da preposição *até*, na marcação de limite. As ocorrências (09) e (10), já apresentadas nesta tese, ilustram a coocorrência de *chegar* com outros marcadores de consequência e limite, respectivamente.

(09) Era **tão** profunda a segurança com que pintava seus quadros, **tão** naturais as cores das perspectivas debuxadas **que**, às vezes, **chega a ser** quase um photographo consciencioso e paciente. (EU)

(10) Loc. – ah... bom... o curso de economia ((risos)) só serviu porque a universidade abre um pouco os horizontes da gente... né? eu eu queria me empregar... empregar e estudar... então meu cunhado virou pra mim... porque eu queria fazer... queria fazer junto com o quinto ano... fazer o curso pra... pra fazer... sei lá... inclusive grupos de colegas lá que estudavam tinha esses cursos... **até cheguei a ir** num curso desses... né... lá na cidade... (OA)

A coexistência dessas formas comprova que, pelo princípio da estratificação, as velhas formas não precisam ser substituídas pelas novas formas, mas podem conviver, com diferenças sutis de significado, a serviço de uma mesma função, nas palavras de Hopper (1991).

O princípio da *divergência* em muito se parece com o da *estratificação*, a ponto de Hopper dizer que aquele é um tipo deste. Enquanto a estratificação envolve graus de gramaticalização, a divergência envolve itens gramaticais que se gramaticalizam em um contexto, mas não se gramaticalizam em outros. Isso implica que um item, ao sofrer gramaticalização, pode permanecer, em outros contextos, como item lexical, conservando, assim, sua forma de origem.

Esse princípio pode ser aplicado aos casos de *chegar*, pois, comprovadamente polissêmico, *chegar* conserva seu uso mais concreto (com a acepção de *vir*) ao lado de usos mais abstratos (com a acepção de *bastar*, por exemplo), com ampliação funcional mesmo em predicados simples. Embora desde o século XV já se registre o uso de *chegar a + INF*, em que *chegar* exerce o papel de semi-auxiliar, conforme demonstramos anteriormente, esse item não deixou de ser usado em predicados simples e seus diferentes usos permaneceram ao longo dos séculos.

Do uso concreto de *chegar* surgiram outros usos com diferentes funções, que coexistem e explicam o princípio da divergência. As ocorrências abaixo ilustram esse princípio.

(a) *vir* (ir/ atingir um lugar);

(11) O Novo Embaixador do Brasil – **chegou** ontem a Lisboa um diplomata que é também um festejado poeta. (AJ)

(b) *surgir* (aparecer, começar);

(12) Mas como sempre faço, quando tenho a idéia dum poema, tomo nota em caderno (aliás, não sei se lhe contei, foi uma nota dessa, tomada em 1936, descoberta agora que provocou a nascença da Lira Paulistana) tomo nota e fico esperando que a coisa venha. Posso até “forçar” que o poema **chegue**, pelos processos psicológicos e físicos existentes pra isso, mas sou incapaz de sentar e escrever coisa nenhuma (em poesia) sem já estar fatalizado pra isso. (BE)

(c) *aproximar* (ir ou induzir para perto de algo ou alguém);

(13) Os amigos de Piteira **chegaram-se** à porta de entrada do imponente prédio, para ler o comunicado que ali se encontrava. (AI)

(d) *alcançar* (atingir um ponto alvo, conseguir);

(14) _ o grande vulto Olympio da Pátria Brasileira, o genial artista, honra e orgulho de toda uma Nacionalidade, e de um continente inteiro, o sempre *sonhador*, o *simples*, o *ingênuo*, o bom Carlos Gomes – que, apesar de toda a opulência do seu talento, teve, para **chegar** ao alto do Capitólio, de atravessar, primeiramente, sombrios tunneis, abertos dentro de Golgothas. (BI)

(e) *bastar* (ser suficiente).

(15) Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me **chegue**. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. (CO)

O princípio da *especialização* refere-se à progressiva obrigatoriedade no uso da forma gramaticalizada, que passa a ser uma escolha para codificar uma determinada função. Analisando os usos de *chegar*, percebemos que a sua emergência está relacionada ao cumprimento de funções textual-discursivas, sobretudo as que dizem respeito à marcação de limite, de contra-expectativa e de conseqüência. Em contextos de interação, principalmente os mediados pela linguagem oral, o uso de *chegar* parece ser uma forma mais usual do que os meios de expressão mais gramaticalizados disponíveis, como a preposição *até* e a conjunção consecutiva *que*.

(15) Loc. – (...) a gente... quando não tem tempo... pode comer sanduíche... né... a gente come sanduíche... eu também quando como em lanchonete eu não... não observo assim muito as outras pe/ quer dizer... observar a gente até **chega a observar**... e eu sinto que normalmente o que se come mais é sanduíche... né? (OAA)

(16) Inf. – bom... o clima mais frio que eu já peguei foi em Londres... eh... mês de novembro... aí... é tão frio eh.. que... **chega a arder**... ((rindo)) principalmente... a... as extremidades... nariz... o... orelhas... unhas... compreendeu... lábios... (OAD)

O quarto princípio, *persistência*, diz respeito à permanência de traços do significado da forma original, o que implica dizer que, embora a forma em gramaticalização sofra mudanças e adquira novos significados, vestígios da forma antiga tendem a permanecer.

No caso de *chegar*, como vimos sinalizando ao longo desta pesquisa, algumas propriedades do uso concreto de *chegar* persistem no uso perifrástico. Podemos tomar como exemplo a variabilidade verbal. Na análise de nossos dados, constatamos que o semi-auxiliar *chegar* encontrou-se flexionado, com exceção do imperativo, em todos os modos, tempos e pessoas verbais, e que a preferência pelo tempo pretérito, pelo modo indicativo e pela 3ª pessoa encontrada em *chegar* lexical é conservada em *chegar* semi-auxiliar.

Notamos, ainda, que, em alguns casos, no uso de *chegar a + INF*, a idéia de limite presente na interpretação das ocorrências lembra o uso de *chegar* com acepção *alcançar*, em predicado simples. O que indicia que a noção de *alcançar um ponto*, sendo esse ponto concreto ou abstrato, presente nos usos concretos ou abstratos de *chegar* permanece quando este item é considerado semi-auxiliar. A ocorrência (17) ilustra que, como semi-auxiliar, *chegar* conserva a noção de *alcançar algo* presente nas ocorrências (18) e (19) em que *chegar* está em predicado simples.

(17) Aos quinze anos entrou para o seminário, (...) era um bom aluno, **chegou a ser** padre, mas anos depois contraiu tuberculose e se afastou da paróquia. (CA)

(18) Passamos por cima de outros boatos idiotas para **chegarmos** ao último... Chegou há pouco da Itália nosso amigo Vincenzo Giocoli, o pomposo Giocoli, que todo mundo conhece. (BT)

(19) andarás a correr montes e valles por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por ahí, e sempre com a sella na barriga! Quando **chegares** a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. (ER)

De todos os usos de *chegar*, registrados em nossos *corpora*, o único que parece não conservar traços da forma mais concreta é o uso de *chegar* na acepção *bastar*, na função marcador de modalidade atitudinal, indicando desaprovação, protesto. Neste uso, *chegar* não apresenta argumentos, e parece não admitir flexão.

(20) **Chega!** Não estão a lidar com miúdos, mas com gajos de verdade! (CNS)

O princípio da *deategorização* diz respeito à perda ou diminuição do estatuto categorial dos itens em gramaticalização. Os verbos, por exemplo, quando se gramaticalizam, além de perderem em flexão, perdem certas propriedades como a de seleccionar argumentos com os quais se combinam.

Mas essa “perda” provocada pela gramaticalização é compensada por outros ganhos. A forma em gramaticalização perde características de sua antiga classe, mas ganha novas características, agora da classe a que pertence. Os auxiliares, por exemplo, perdem propriedades verbais plenas, mas ganham funções gramaticais, como a de expressar Tempo, Modo e Aspecto.

Em relação a *chegar*, já arrolamos ao longo deste trabalho, muitas evidências empíricas que comprovam a deategorização. Ainda em predicado simples, apontamos a mudança de significado mais concreto para mais abstrato, bem como a não-restrição de argumentos. Apontamos, também, a mudança categorial que ocorre com *chegar*, pois de núcleo da predicação este item passa a ser usado como semi-auxiliar.

Considerando os ganhos advindos da mudança categorial, dizemos que *chegar* ganhou em funções textual-discursivas, pois, como vimos repetindo, o semi-auxiliar *chegar* não utilizado para noções gramaticais de Tempo, Modo e Aspecto, cumpre, no

entanto, funções de marcador temporal, de limite, de contra-expectativa e de consequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou os diferentes usos de *chegar* em registros do português arcaico, moderno e contemporâneo do Brasil e de Portugal, com o propósito de verificar se esse verbo, quando usado na construção *chegar a + INF*, está passando pelo processo de gramaticalização, compreendido como o processo por meio do qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais. Segundo estudos sobre esse tema, são fatores tanto cognitivos quanto discursivos que motivam a gramaticalização.

Apresentamos os princípios de gramaticalização, apresentados por Hopper (1991) para flagrar estágios ainda não consolidados desse processo (*estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*), e observamos que todos os princípios podem ser aplicados aos casos de *chegar*.

Em relação aos estágios de auxiliaridade, propostos por Heine (1993), a análise de diferentes usos de *chegar* permitiu-nos concluir que *chegar* atinge o estágio **D** de gramaticalização, pois é nesse estágio em que se encontram verbos que sofreram decategorização e associam-se a apenas uma forma nominal. Comprovamos a nossa hipótese de que *chegar* é um item em gramaticalização na língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. A gramaticalização. In: *Revista de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.

CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FIGUEIREDO-GOMES, J.B.; PENA-FERREIRA, E. (orgs.) *Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa*. Lisboa, 2006. (no prelo)

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford University Press, New York, 1993.

HEINE, B.; RECH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticazation. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdan: Benjamins, 17-37, 1991.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

TRAUGOTT, E. Pragmatics strengthening and grammaticalization. *Berkeley Linguistics Society*, v.14, 1988.